



BIBLIOTECAS  
DE LISBOA

**A LANTERNA MÁGICA\*** – Depois das primeiras experiências jornalísticas, com o *Binóculo* (1870), jornal de crítica teatral, de “efémera vida e retumbante notoriedade”<sup>1</sup>, e com *A Berlinda* (1871), de que saíram sete números, e duma passagem em 1873 e 1874 pelo *Illustrated London News*, como correspondente em Madrid, onde impõe o seu nome como artista, Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) funda, em 1875, mais precisamente a 15 de maio, *A Lanterna Mágica*, o seu terceiro jornal de caricaturas.

Começa por se publicar aos sábados, e não diariamente como é referido quer na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, quer na *Wikipédia*, e vendia-se pelas ruas de Lisboa pelo preço de 60 réis. A redação do jornal humorístico localizava-se na rua do Príncipe, no primeiro andar do n.º 23, com a impressão a ser feita na Tipografia de Cristóvão Augusto Rodrigues, na rua do Norte, no Bairro Alto.

Sabemos pelas sobrecapas que *A Lanterna Mágica* era subtitulada *de Revista Ilustrada dos Acontecimentos da Semana por Gil Vaz*, o que nos remete desde logo para os seus propósitos. Quanto a Gil Vaz, era o pseudónimo coletivo com que se ocultavam Guilherme de Azevedo (1839-1882) e Guerra Junqueiro (1850-1923).

*A Lanterna Mágica* contou com outros colaboradores, literários e artísticos: entre os primeiros, destacamos a colaboração do escritor brasileiro Luís de Andrade, que viera frequentar o Curso Superior de Letras; quanto aos desenhos e caricaturas saíam do lápis de Rafael Bordalo Pinheiro e Manuel de Macedo (1839-1915), de longe os mais prolixos, e de Emílio Pimentel. Artur Loureiro, anunciado juntamente com os outros como ilustrador d’*A Lanterna Mágica*, acabou por nada publicar.

Mas Rafael Bordalo Pinheiro assumirá desde cedo um papel preponderante n’*A Lanterna Mágica*, tanto que, à sua partida para o Brasil, o jornal desapareceu, inesperadamente. O que permitiu também pôr em evidência as poderosas faculdades artísticas do ainda jovem caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro que, com os seus valiosos colaboradores, conseguiu fazer triunfar um género que até então não se conseguira realçar em Portugal.

No que toca à organização gráfica, *A Lanterna Mágica* revela uma estrutura pouco estável, com alterações ou substituições frequentes das suas principais rubricas ou secções, ainda longe, portanto, do equilíbrio e qualidade que vão caracterizar os mais importantes projetos editoriais de Rafael Bordalo Pinheiro: as duas séries d’*O António Maria*, publicadas entre 1879 e 1890, e *A Paródia*, de 1900 a 1907, ambos editados em Lisboa.

---

\* Agradeço à Gisela Miravent a revisão do texto.

<sup>1</sup> *Novo Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças para o ano de 1908*. Lisboa: 1907, p. 7.

Até ao número 7, prevaleceram as duas colunas, sendo depois substituídas por três a partir do número seguinte, de 1 de julho de 1875, embora assumidas apenas a partir da segunda página. Como secções mais regulares, temos: “Cenas”, destinada à crítica teatral, “Crónica das Ruas”, ilustrada por Manuel de Macedo, “Coisas de Lisboa” e “Actualidades”, com *cartoons* e bandas desenhadas de Rafael Bordalo Pinheiro, “Caricatura em prosa”, para o comentário político, “Ecos”, onde, a par da crónica social ou de costumes, se dá conta também do aparecimento de novos jornais ou dos ecos da vida política na imprensa”, e “Movimento Literário”, para as recensões críticas aos livros que iam saindo.

De registar ainda uma forte “Secção de Anúncios”, normalmente na última página, não raras vezes ocupando-a na sua totalidade, o que é revelador do interesse dos comerciantes lisboetas que, desta forma, contribuíam para a sobrevivência financeira d’A *Lanterna Mágica*. Importa lembrar que os anúncios eram a principal fonte de rendimento das publicações periódicas, seguidos depois pelas assinaturas e vendas avulso. A secção constitui, sem dúvida, uma fonte preciosa para o estudo das origens e desenvolvimento da publicidade na imprensa portuguesa oitocentista.

Henrique das Neves, nos seus *Esboços Individuais*, dá-nos um quadro delicioso do ambiente jornalístico que reinava neste jornal de caricaturas: “Junqueiro quando aparecia no quarto de redacção da *Lanterna Mágica* (rua do Príncipe, 23, 1.º), recostava-se em um sofá, e ali se conservava deliciando-se com um bom charuto. Não escrevia; o Guilherme e o Luís, esses lá estavam à mesa, de pena em punho. Traziam de casa *obra para a loja*: artiguinhos, apontamentos, fogo de atiradores, enfim tudo coisas leves e que de leve ferissem pelo riso. Sabe-se como Guilherme de Azevedo chegou a ser, entre nós, um parisiense nesse género. Ora, nenhum dos dois, quando acabava de garatujar qualquer *blague* (expressão de Guilherme), dava o caso por concluído. Não, senhores. Junqueiro havia de ouvir e dar o seu voto, e Junqueiro, a maioria das vezes, descobria um aspecto novo a acrescentar, um traço seu a frisar melhor a facécia...”<sup>2</sup>.

Como programa, A *Lanterna Mágica* propunha-se tratar dos “acontecimentos da semana”, ou melhor, dos *fait-divers* do quotidiano lisboeta, tal a presença e importância que a capital captava nas páginas do jornal. Aqueles seriam assim projetados pela máquina mágica, para gozo dos leitores. O **teatro** continua a ser um dos temas mais presentes, pelo registo das suas peças e das prestações dos seus atores: **Santos Pitorra** é uma das admirações constantes de Rafael Bordalo Pinheiro.

Mas o seu jornal não se ficou pela crónica e o registo humorístico dos principais acontecimentos políticos, sociais e culturais que marcavam a atualidade lisboeta, procurou ir mais além, como se depreende da leitura atenta do *editorial* de apresentação, que, como era da praxe, acompanhou o primeiro número d’A *Lanterna Mágica*. Vale a pena reler:

---

<sup>2</sup> *Esboços individuais: traços característicos, episódios e anedotas autênticas de indivíduos que se evidenciaram*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1911.

“ (...) Gil Vaz é o cavaleiro  
Que em prol das damas lança ao mundo inteiro  
A manopla de rijos luctadores  
E a luva do dandysmo.  
Ele conhece as grandes tyrantias  
Que pezam sobre vós há muitos anos  
E raros são os dias  
Em que dos vis tyranos  
Não mede com terror a iniquidade!  
Campeia a grã cidade!  
Olhae, - que horror! – o lubrico banquete  
Onde eles vão cavando o negro esquite  
Nas grandes corrupções do voltarete,  
Nas orgias fataes do meio bife!

□

“ (...) Quem hoje aqui vos fala  
Tem um gladio de luz e uma bengala.  
Tem palavras precisas,  
Rectas, cheias de fogo  
E o character viril do demagogo  
Junto a varias camisas.  
Possue crenças não vagas;  
Sem dizer se comunga ou se ouve missa,  
Tem muitíssima fé,  
N’uma dose formosa, - na Justiça,  
N’aquella que o senhor Pinheiro Chagas  
Não sabe ainda quem é.  
E quando escreve agora este folheto  
Não pensa bem no inferno.  
Não procura agradar ao Padre-Eterno  
Nem ao senhor Vaz Preto.

Gil Vaz traça um programa d’esta forma:  
- Doutrina clara e franca:  
Entende que precisam de reforma  
As consciências, a carta e a roupa branca.”

Adivinha-se já aqui a “heroicidade militante”, a “reivindicação e o exercício da liberdade” apontadas por Raquel Henriques da Silva e reconhecida pelos principais estudiosos da sua obra, como João Medina e José-Augusto França. Acrescenta a historiadora de arte: “Liberdade descomprometida do poder – que nunca ambicionou nem prosseguiu – com indelével marca do anarquismo que então ia crescendo nas margens do sindicalismo e do comunismo, ela é a bandeira de Bordalo que a exerceu com provocação e excesso, assumindo, em postura aparentemente tranquila, as consequências: quando o condenavam em tribunal, ele fazia depois a crónica do acontecido; quando lhe fechavam um

jornal, ele abria outro a seguir”<sup>3</sup>, como também tivemos oportunidade de confirmar no estudo que lhe dedicámos sobre as relações, nem sempre pacíficas, de Rafael Bordalo Pinheiro com o poder, nomeadamente com o controlo político exercido sobre o jornalismo ilustrado<sup>4</sup>.

Com a passagem a diário o “programa” do jornal de caricaturas refinava-se, ampliava-se, ao procurar mostrar “sorridente o perfil funambulesco das grandes coisas e dos grandes casos e a serena, a inflexível linha recta da vida – tranquila como as vossas consciências, alegre como as vossas fantasias (...) desenrolará diante de vós o largo panorama do mundo”.

A alteração na periodicidade d’A *Lanterna Mágica* ocorre a 1 de julho, no número 8, passando de hebdomadário a diário da noite, com novo cabeçalho, novo texto de apresentação, mais ousado, e menos páginas (em vez das oito, passou a ter quatro grandes páginas, de maior formato). Mudança que pode ser interpretada como resultado do êxito alcançado pelos primeiros números – sucesso que, contudo, não evitou que o jornal tivesse curta vida, durando pouco mais de dois meses e meio.

Outra novidade, a partir daqui, serão os *portrait-charge* e os anúncios ilustrados na última página. Daqueles, sobressaem o do ator **António Pedro**, do infante **D. Augusto**, do “inteligente” Vitorino Marques, e o do padre José de Sousa Amado, feroz professor do Liceu de Lisboa. Quanto aos anúncios ilustrados, saltam à vista as reproduções em vários números do livro *Os Teatros de Lisboa*, de Júlio César Machado, com ilustrações do próprio Rafael Bordalo Pinheiro.

Entre as “grandes coisas” e “grandes casos” narrados pel’A *Lanterna Mágica* destacam-se naturalmente as que resultavam da observação humorística de Rafael Bordalo Pinheiro, sempre crítica, que davam assim um toque pessoal ao jornal. A título de exemplo, veja-se a polémica crucificação de **António de Serpa**, ministro da Fazenda, logo no número 1, ou as autocaricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, que saíram no número seguinte, ou o desenho de **Fontes Pereira de Melo**, então presidente do conselho, representado como S. Jorge da procissão do Corpo de Cristo montado num magro cavalo, no número 3, ou a caricatura (mais uma) do velho **Alexandre Herculano**, azeiteiro, empoleirado numa oliveira, no último número da série hebdomadária, o 7, ou ainda a caricatura do **bispo de Viseu**, no número 15, com honras de página inteira, numa dupla imagem que o mostra como “Alves, o democrata”, em Viseu, e “D. António, o papista”, em Roma – uma das melhores caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro.

Mas sobretudo a criação da figura do **Zé Povinho**, numa dupla página central, no número 5, datado de 12 de junho, pela importância que teria na obra do caricaturista, gráfica e cerâmica, e no imaginário nacional, como “imagem e símbolo do povo português, enganado, sacrificado mas refilão, capaz de riso e

---

<sup>3</sup> Ver, da autora, *O Zé Povinho de Rafael Bordalo Pinheiro – Uma iconologia de ambivalência*. Estudo disponível em linha: [http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA\\_3\\_11.pdf](http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA_3_11.pdf)

<sup>4</sup> Cf. “A Rolha... Política e Imprensa na Obra Humorística de Rafael Bordalo Pinheiro”, in *A Rolha/Bordalo*. Lisboa: Hemeroteca Municipal de Lisboa, 2005, pp. 9-20.

surriada, nos baldões da história que se faz sem ele – mas à custa dele...”<sup>5</sup>. Será, sem dúvida, personagem constante da vida nacional, através da obra de Rafael Bordalo Pinheiro, e muito para além dela, até à atualidade.

Como muito bem explica João Medina, um dos principais estudiosos do Zé Povinho, “aí temos, em suma, nosso estereótipo nacional (...), como um nó simbólico de frustrações, misérias, indecisões, incapacidades e deficiências estruturais, históricas e psíquicas, o Zé sem metafísica, mas, sobretudo, sem utopia, incapaz de utopizar, tão só susceptível de explodir nos momentos de mais intolerante tensão ou excesso de miséria e sofrimentos anímicos. Não há nele qualquer vontade de fundar uma nova Babel ou de arrasar a antiga Babilónia, ou seja, **de qualquer desejo radical e subversor de modelar na prática uma *politeia* refeita e feliz** [sublinhado nosso]. Conformado e conformista, alheio à política e dela vendo apenas o lado de pantomina e burla de que ele acaba por pagar as favas, como «Zé pagante» que ontologicamente é, o nosso povo revê-se com fidelidade na autocaricatura desse estereótipo. Só de quando em quando, em dias deveras tempestuosos, o Zé explode – ou exhibe, aos que o atormentam e cardam com impostos e fretes, o seu gesto mágico e fálico, o manguito.”<sup>6</sup>

Além do Zé, que aparecerá noutros números, temos, como figuras recorrentes, os já citados Serpa, Fontes e o bispo de Viseu, mas também **Rodrigues Sampaio**, então ministro do Reino, o rei **D. Luís, Anselmo Braancamp**, futuro chefe dos “progressistas”, **Andrade Corvo**, que tinha a pasta dos Negócios Estrangeiros, Cardoso Avelino, das Obras Públicas, e outros, com menor destaque.

Na sátira ao regime, *A Lanterna Mágica* completava assim a prosa d’*As Farpas*, do seu amigo **Ramalho Ortigão**. E o humor ganhava uma nova e terrível arma, a caricatura política.

Por Álvaro Costa de Matos

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 6 de junho de 2014.

## BIBLIOGRAFIA:

França, José-Augusto – **Rafael Bordalo Pinheiro – O Português tal e Qual**. Capítulo II: “Até a «A Lanterna Mágica» (1868-1875)”, 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Livraria Bertrand, 1982, pp. 57-156;

---

<sup>5</sup> FRANÇA, José-Augusto – *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal e Qual*. 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Livraria Bertrand, 1982, pp. 110-111.

<sup>6</sup> MEDINA, João – *Zé Povinho sem Utopia*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais / Instituto de Cultura e Estudos Sociais, 2004, pp. 34-35. Cf. Do mesmo autor, *Portuguesismos (Acerca da identidade Nacional)*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2006, nomeadamente a segunda parte: *Zé Povinho, estereótipo nacional e autocaricatura do português desde 1875*, pp. 203 – 215.

MATOS, Álvaro Costa de – “A Rolha... Política e Imprensa na Obra Humorística de Rafael Bordalo Pinheiro”, in **A Rolha/Bordalo**. Lisboa: Hemeroteca Municipal de Lisboa, 2005, pp. 9-20

Medina, João – **O Zé Povinho, estereótipo nacional: pesquisa histórica sobre meio século (1875-1926)**. Lisboa: J. A. M. Silva, 1986;

IDEM – *Zé Povinho sem Utopia*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais / Instituto de Cultura e Estudos Sociais, 2004, pp. 34-35;

IDEM – *Portuguesismos (Acerca da identidade Nacional)*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2006, nomeadamente a segunda parte: *Zé Povinho, estereótipo nacional e autocaricatura do português desde 1875*, pp. 203 – 215;

NEVES, Henrique das - **Esboços individuais: traços característicos, episódios e anedotas autênticas de indivíduos que se evidenciaram**. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1911;

SILVA, Raquel Henriques da – **O Zé Povinho de Rafael Bordalo Pinheiro – Uma iconologia de ambivalência**. Estudo disponível em linha: [http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA\\_3\\_11.pdf](http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA_3_11.pdf)

SOUSA, Osvaldo Macedo de – **História da Arte da Caricatura de Imprensa**. Lisboa: Edições Humorgrafe/SECS, 1998.